

O PERFORMATIVO ANDRÓGINO SEGUNDO JUDITH BUTLER INSERIDO NO UNIVERSO DA MODA

*The performative androgynous by Judith Butler intered in fashion
universe*

Pelegriani, Jozimar; Universidade do Sul de Santa Catarina,
jozimar.pelegriani@gmail.com¹

Resumo

A androginia vem sendo utilizada com bastante frequência na moda, da usabilidade para definição de uma tendência até o uso dos corpos com essa característica. Para Judith Butler o gênero é performativo, e a estilização dos corpos está inserida em um quadro regulatório rígido, no qual, não existe uma singularidade na definição do sexo/gênero que consiga abarcar essa concepção.

Palavras-chave: androginia; performativo; moda.

Abstract

Androgyny has been used quite often by fashion subjects, from usability that sets a trend to the use of bodies with this feature . For Judith Butler gender is performative , and the styling of the body is inserted in a rigid regulatory framework , in which, there is no uniqueness in the definition of sex / gender that can embrace this perspective.

Keywords: androgyny; performative; fashion.

¹ Graduada em Design de Moda, Especialista em Gestão de Design de Moda, aluno regular do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Ciências da Linguagem pela Unisul e Professor do Instituto Federal de Santa Catarina - Câmpus Araranguá.

1 INTRODUÇÃO

A moda na sociedade contemporânea vem passando por grandes mudanças, em que valores e costumes se invertem e alteraram constantemente. O artigo tem como intenção compreender qual é o idealismo do “modismo” atual na usabilidade da abordagem andrógina, buscando uma compreensão a partir do conceito de performativo da filósofa estadunidense Judith Butler.

Pretende-se fazer uma reflexão acerca desse fenômeno social e cultural, no qual, tendências usam como referência em suas criações, questões de gênero na criação e desenvolvimento de editoriais, campanhas e desfiles de moda.

Na moda a abordagem do processo criativo por muitas décadas foi engessada pelo binário, homem/mulher, macho/fêmea, masculino/feminino, na qual as opções na vestimenta usualmente se alinham a perspectivas da heteronormatividade.

Dentro desta perspectiva algumas empresas do mercado de moda investem assim, no diferencial criando um desafio visual, no qual, as definições não são mais o papel principal, pois, a ideia é deixar a deriva os engessamentos dos corpos ali inseridos.

Usando dos pensamentos de Butler, fazer-se á uma contextualização sobre a *performatividade* dos corpos que são construídos e inseridos nos mais variados meios de comunicação de moda, buscando desmistificar a motivação para essa notoriedade compulsória no uso da androginia como finalidade construtiva imagética na moda.

2 A ANDROGINIA NOS ESPAÇOS DA MODA

No século XIX, a moda tinha um caráter ditador fundamentado e enrijecido na hierarquia, excluindo a possibilidade de modificação de padrões heteronormativos. As Guerras e revoluções feministas foram colaborando e metamorfoseando a moda a tornar-se menos rígida, mas menos rígida não quer dizer que a mesma tenha ultrapassado a linha das linearidades em que a

prendem. De acordo com Crane (2006, p.50) 'no final do século XX, as noções fixas de identidade de gênero e intolerâncias a ambiguidade de gênero foram gradualmente desaparecendo'. Atualmente o que aparece com grande notoriedade é a usabilidade de roupas em corpos andróginos em desfiles, coleções e editoriais de moda. Segundo Godinho (2012, pg.8) 'androginia define-se aquele que tem características físicas e comportamentais de ambos os sexos, tornando-se, por isso difícil identificar-se de que sexo é um indivíduo andrógino simplesmente pelos traços visuais e/ou comportamentais'.

Para Crane (2006, p.53) 'na atualidade a moda possui pautas diversificadas e contraditórias, indo de representações que refletem sadomasoquismo até mesmo a androginia'. Esse início das representações demonstra um novo começo para os rituais de divulgação de moda, que cada vez fazem mais o uso de imagens para atrair o olhar do consumidor.

Estilistas desafiavam imagens tradicionais da feminilidade através da expressão de preferências sexuais e desvios normalmente vistos como marginais pelo grande público, em especial a bissexualidade e a androginia. A ambiguidade surge ano após ano nas coleções. Uma das formas que ela tomou foi à justaposição de peças identificadas com o vestuário masculino e feminino. Crane (2006, p.317)

De acordo com Godinho (2012, p.17):

O choque de gerações que já há muito se fazia sentir fora finalmente assumido; há uma inequívoca evocação de um novo padrão de beleza e postura. Mesmo que não fosse para ficar, tornando-se uma tendência para os anos vizinhos, funcionou como um "motor de arranque", o iniciar de um novo movimento – a estética do extravagante que encarna os valores modernos versus os mais clássicos – toda uma nova forma de reflexão, reivindicação e protesto perante os acontecimentos do mundo.

Yves Saint Laurent foi um dos primeiros estilistas visionários a ousar na mistura do feminino e masculino em suas coleções, abaixo uma imagem que demonstra como as interações se iniciaram nos espaços de circulação e divulgação da moda. Algumas peças femininas com apelo masculino ou processo de masculinização do vestuário feminino.

Figura 1 - Vogue 1962, coleção YSL com traje andrógino (<http://blog.pattern-vault.com/>)



O “modismo”, nas criações dos estilistas não era exacerbadamente andrógino, neste momento só se deu início a uma nova fusão entre o masculino e feminino que viria a ser muito mais explorado mais adiante. De acordo com Lipovetsky:

Depois da rigidez austera, das cores escuras ou neutras, o vestuário masculino deu um passo em direção da moda feminina integrando a fantasia como um dos parâmetros de base. (...) substituindo-se um processo de redução da distância na maneira de vestir dos dois sexos, (...) na adoção cada vez mais vasta, pelas mulheres, (...) de vestuário tipo masculino (calças, jeans, blusão, smoking, gravata, botas). A divisão enfática e imperativa do parecer dos sexos esbate-se, a igualdade de condições prossegue a sua obra pondo termo ao monopólio feminino da moda e «masculinizando» parcialmente o guarda-roupa feminino. (1989, p.174)

Qual o motivo desse interesse dos estilistas em explorar essa tendência andrógina em suas coleções? Como ficam as questões de sexo/gênero na visualização destas imagens para a sociedade? O que essas alterações influenciam nos espaços da moda?

São muitas as perguntas, mas poucas respostas concretas, tudo fica nos achismos, e meras deduções, pouco ou nada argumentadas na atualidade. Poderia ser uma questão de aumento da sensualidade que a ambiguidade ou

androginia proporcionaria ao espectador, afinal de contas moda é um meio de comunicação. De acordo com Lipovetsky:

Que vemos nós? Decerto, um movimento de redução da diferença enfática entre o masculino e o feminino, movimento de natureza essencialmente democrática. (...) Se a divisão acentuada do parecer entre as classes se esbate, em contrapartida a dos sexos permanece, à exceção talvez de certas categorias de adolescentes e de jovens de apresentação mais francamente andrógina. (1989, p.176)

É importante entender alguns aspectos importantes quando se fala da androginia na moda. No final do século XX, ela era mais considerada como um estilo, ou seja, o estilo andrógino, no qual, se tratava da usabilidade de uma ou mais peças do guarda-roupa oposto para composições visuais. Na contemporaneidade essa vertente vem se transformando e buscando uma nova essência, no qual, essa corrente andrógina abordada em editoriais e revistas possui um olhar diferente e amplificado. Alguns trabalhos envolvem a androginia realmente buscando desestabilizar o binarismo sexo/gênero e acreditam na ideia de um terceiro sexo, no qual a moda o encaixa no termo *unissex*.

Figura 2 - Andrej Pejic e Lea T, Candy Magazine (<http://mondomoda.org/>)



Na figura acima, dois grandes nomes no mundo da moda ao abordar o tema da androginia, Andrej Pejic (na época em que o editorial foi feito a modelo ainda utilizava o nome no “masculino”, mas atualmente mudou o

nome para Andreja Pejic, se reconhecendo então como do sexo “feminino”) e Lea T são conhecidos por seus trabalhos irreverentes que dinamizam os preceitos padronizados pela heterossexualidade.

Figura 3 - Andrej Pejic para a *Candy Magazine* (<http://candy.byluisvenegas.com>)



Na figura acima Andreja Pejic posa com duas performances, uma esboçando um aspecto mais masculinizado e outro esbravejando feminilidade. Os editoriais de moda buscam expor uma nova face para a sociedade. Conforme, AVELAR (2011. p.103)

Por mais que aquilo mostrado na passarela tenha um destino definido, que é a venda, existe ainda um outro objetivo, que é o deslumbramento, da ilusão e da fantasia, além da quebra de valores estéticos. O que se quer mostrar é um conceito, e não uma peça de roupa. Logo, se o espetáculo é um evento que envolve todas essas características, o que se mostra no palco está muito além da coleção comercial. Aquilo que realmente nos arrebatava é a “inutilidade” da moda, ou seja, a moda.

Confundir, divulgar ou chamar a atenção, pode ser alguns dos motivos para essa onda frequente que tem grande notoriedade nos espaços da moda. Os corpos, que são produzidos nessa esfera da moda nem sempre são naturais e originais, alguns destes são construídos para desenvolver uma performance em um determinado momento, como em desfiles e editoriais.

Para uma melhor compreensão, no próximo capítulo será abordada a questão performativa, levando em consideração a conceituação de Butler, sobre performance.

3 O PERFORMATIVO DA ANDROGINIA SEGUNDO JUDITH BUTLER

Para Butler o gênero é performativo e as estilizações dos corpos estão inseridos em um quadro regulatório altamente rígido, considerado uma maneira natural de ser, que é o da heterossexualidade, no qual, atos repetidos de gestos nos tornam homem ou mulher, ou seja, agimos como performativo macho ou fêmea, tudo vai depender do contexto em que os corpos estão inseridos:

A ação do gênero requer uma *performance repetida*. Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação, (...) essas ações tem dimensões temporais e coletivas, e seu caráter público não deixa de ter consequências; na verdade, a *performance* é realizada com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária. Butler (2013, p.200)

Essa *performance* já vem pré-determinada, no qual, a heterossexualidade compulsória acontece desde o momento da gravidez, em que o feto já recebe tratamento vinculado ao binarismo. Dentro desta perspectiva, se for homem este terá desejo pela mulher, se for mulher possuirá desejo pelo homem, e isso também influencia na forma e nas cores na hora de se vestir. A criança não possui a liberdade de usar qualquer roupa, pois, seu guarda roupa é pré-definido no ventre de sua mãe. Para Butler (2013, p.200):

o gênero é instituído mediante atos internamente descontínuos, então a aparência de substância é precisamente isso, uma identidade construída, uma realização performativa em que a plateia social mundana, incluindo os próprios atores, passa a acreditar, exercendo-a sob a forma de uma crença.

E onde se encaixam os corpos que não se encontram no binarismo? Como compreender aqueles que não conseguem se situar no quadro binário, especificamente, onde localizamos o ser andrógino? Para Butler (2013, p.201):

É precisamente nas relações arbitrárias entre esses atos que se encontram as possibilidades de transformação do gênero, na possibilidade da incapacidade de repetir, numa deformidade, ou numa repetição parodística que denuncie o efeito fantasístico da identidade permanente como uma construção politicamente tênue.

Para a androginia, a repetição de gestos e atos é algo “inalcançável”, seria como fugir das regras impostas por uma sociedade hétero compulsória. Se for usar o conceito de Butler para definir o mesmo, seria como se o ser andrógino tivesse a repetição de atos de ambos os sexos, ou seja, ele possui uma performance indefinida, não se encaixando nem com a de um homem e nem com a de uma mulher, pois não teria como definir um corpo como meio a meio, mas sim talvez uma junção de ambos. Dentro das perspectivas de Butler (2013, p.196):

Se a anatomia do performista já é distinta de seu gênero, e se os dois se distinguem do gênero da *performance*, então a *performance* sugere uma dissonância não só entre sexo e *performance*, mas entre sexo e gênero, e entre gênero e *performance*.

Pensando assim, desta forma, cria-se uma inconstância quando se generaliza as definições através da coerência heterossexual imposta, ‘vemos o sexo e o gênero desnaturalizados por meio de uma performance que confessa sua distinção e dramatiza o mecanismo cultural da sua unidade fabricada’. Butler (2013, p.197).

É como se fossemos enganados desde criança, induzidos a ter uma performance única e heterossexual, pois o sujeito só é compreendido até então, quando possui o seu gênero de acordo com os padrões reconhecidos:

Seria errado supor que a discussão sobre a “identidade” deva ser anterior à discussão sobre a identidade de gênero, pela simples razão de que as “pessoas” só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade do gênero. Butler (2013, p.37)

Vem desta dificuldade de compreensão, fora dos padrões que surge a complexidade da sociedade romper essa barreira heterossexual, transcendem a mera necessidade dos vestígios de uma sexualidade “não” assumida ou simplesmente “não” compreendida. Butler nos afirma que:

Se os atributos e atos do gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são *performativos*, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos do gênero verdadeiros ou falsos, reais ou

distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora. O fato de a realidade do gênero ser criada mediante *performances* sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeira ou permanentes também são constituídas, como parte estratégia que oculta o caráter *performativo* do gênero e as possibilidades *performativas* de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória. (2013, p.201)

Finalizando a ideia construída sobre o conceito de *performatividade*, Butler ressalta em seu discurso que ‘os gêneros não podem ser verdadeiros nem falsos, reais nem aparentes, originais nem derivados. Como portadores críveis desses atributos, contudo, eles também podem se tornar completa e radicalmente *incríveis*’. (2013, p.201), no qual exemplifica a falta de local, no qual, a androginia se encaixa dentro das perspectivas performativas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Teve-se como tentativa compreender a influência da performance andrógina nos espaços da moda. Estes fazem parte de um complexo circuito de transformações, influenciáveis por tudo o que o permeiam a sociedade em seu contexto atual.

Desfiles, editoriais, revistas e coleções de moda passam por interferências de performance em seu meio de trabalho frequentemente, trata-se de um “modismo” e uma usabilidade da androginia para explorar sua usabilidade performáticas corporais, nos quais, possuem construções montadas para determinados fins.

De acordo com Judith Butler, quando se trata de sexo/gênero os seres possuem performances influenciadas pelos espaços que o ladeiam. Na moda, a história pode ser um pouco diferente, pelo menos em alguns casos, no quais, espaços poderem ser construídos de forma ficcional, em que, corpos fazem parte desta mesma situação “imaginária”. Um desfile pode ser montado para uma devida apresentação, como uma espécie de encenação ou bem como, editoriais de revistas com corpos com a probabilidade de serem moldados de acordo com aquilo que se almeja passar ao espectador.

Através da predisposição de usar performances andróginas em suas criações, os estilistas buscam divergentes referências, procurando desenvolver uma produção diferenciada e com a intenção de atrair olhares de seus possíveis consumidores. Visando assim, o diferencial e polêmico em contestações dos caminhos na moda em sua contemporaneidade alinhada ainda à margem da binária linearidade de gênero. Uma quebra de paradigmas da diferenciação do que é feminino e o que é masculino, podendo ser o viés motivador da notória usabilidade da “ambiguidade” na moda.

Visto que vivemos em uma sociedade patriarcal moldada em padrões lineares engessados nos binários de gênero, a usabilidade da androginia pode ser pensada como um reforço da necessidade de ampliar essa linearidade redutora. Pois a sociedade está abarcada pela constante necessidade de encaixar os gêneros em peças de um vestuário até então limitantes.

Referências

AVELAR, Suzana. **Moda: globalização e novas tecnologias**. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2011.

BYLUISVENEGAS.COM (2013) < <http://candy.byluisvenegas.com> >/ Acesso em 06-02-2014.

BLOG.PATTERN_VAULT.COM (2014) <http://blog.pattern-vault.com/tag/yves-saint-laurent/> Acesso em 06-02-2014.

BUTLER, Judith, **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução, Renato Aguiar 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CRANE, Diana. **A Moda e seu Papel Social: classe, gênero e identidade das roupas**. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2006.

GODINHO, Filipe Manuel Henrique. **O Trans como Fenômeno de Moda**. 2012. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2012. Disponível em: <[https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/5454/1/O Trans - Filipe Godinho.pdf](https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/5454/1/O%20Trans%20Filipe%20Godinho.pdf)>. Acesso em: 25 jun. 2014.

LIPOVETSKI, G. **O império do efêmero**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

MONDOMODA.ORG (2011) < <http://mondomoda.org/2011/11/16/lea-t-andrej-pejic-candy-magazine/candy-magazine-nov-2011-1-2/> > Acesso em 07-02-2014.3